

## EDUCAÇÃO – ENTRE A TECNOLOGIA E A BARBÁRIE

Demerval Bruzzi<sup>1</sup>

**RESUMO:** A ideia deste ensaio é apresentar o atual estágio de violência que se encontra a sociedade brasileira em pleno século XXI. Apresentando o poder de influência das autoridades que reacende a volta da ditadura, e o desenvolvimento tecnológico que abriu portas antes inimagináveis permitindo pela primeira vez na história da humanidade a produção e acesso a conhecimento para o bem e para o mau, maiores do que nos últimos 5.000 (cinco mil) anos. Diante deste cenário que nos encontramos entre a barbárie e a tecnologia, por meio de uma revisão literária e pesquisa qualitativa além da análise de discurso (mesmo que minimizada), procurei entender o sofrimento vivenciado hoje pela nossa sociedade, comparando-os aos experimentos de Stanley Milgram, onde indivíduos tendem a obedecer às autoridades, mesmo que estas contradigam o bom-senso individual e Philip Zimbardo, onde pessoas boas são induzidas ou seduzidas a tomar atitudes violentas.

**Palavras Chave:** Violência, Psicologia, Educação, Discurso e Tecnologia.

**ABSTRACT:** The idea of this essay is to present the current period of violence that Brazilian society finds itself in, even now in the 21st century. Presenting the power to influence held by authorities that are re-igniting the dictatorship's return and the technological development that has opened doors that were never even imaginable before, allowing, for the first time in human history, for types of knowledge production and an access to knowledge for both good and for evil that is greater than in the last five thousand years. Faced with this scenario somewhere between barbarity and technology, and through a literature review and a qualitative research through a speech analysis (even minimized), I tried to understand the suffering experienced by our society today, comparing it to Stanley Milgram's experiments, where individuals tend to obey authorities even if it goes against their individual judgment, and Philip Zimbardo's experiments where good people are induced and seduced into taking violent attitudes.

**Keywords:** Violence, education, technology, Psychology

### SUMÁRIO

---

<sup>1</sup> Ex Diretor do Ministério da Educação. Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e graduando em psicologia pelo UNICEUB.

Artigo recebido em: 10/08/2015.

Artigo aceito em: 22/12/2015.



## **1 INTRODUÇÃO**

## **2 NOVA ERA DA JOVEM SOCIEDADE**

## **3 O COMPLEXO E O FRAGMENTAR DA EDUCAÇÃO**

## **4 O PODER DA AUTORIDADE**

## **5 CONCLUSÃO**

## **6 REFERÊNCIAS**

### **1 INTRODUÇÃO**

Creio que estamos diante de um tema de suma complexidade. Não só pelo momento atual que vivemos no Brasil, onde em 2014, em pleno século XXI, assistimos passivos a movimentos destrutivos em nossa sociedade. Nossas escolas transformaram-se em campos de batalhas onde matar e morrer tornou-se algo tão banal como uma “cola” durante a prova de final de ano.

O assunto me chamou atenção ao lermos no jornal Correio Brasiliense de 28/02/2014 que um aluno de 14 anos levará dois tiros em uma escola na área central da Capital do Brasil.

Desde então, entra dia sai dia, não consigo parar de pensar sobre o assunto. O que nos levou a este ponto? Teria a educação falhado em sua missão de criar uma sociedade justa e igualitária, ou seria exatamente este o ponto? Não ser função da educação este papel e estarmos cobrando dela um posicionamento?

Nossa sociedade costuma cobrar da escola aquilo que é responsabilidade geral de toda esta mesma sociedade. Exige-se que a escola preste contas do desenvolvimento tecnológico, social e cultural de seus alunos. Mascarando assim a realidade, impossibilitando que vejamos que a questão da violência está muito além dos muros de nossas escolas.

É importante tentarmos entender os processos evolutivos e os múltiplos fatores que influenciam o desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes como podemos ver na teoria ecológica do desenvolvimento proposta por Bronfenbrenner (1979).

Segundo sua teoria, isso significa defini-los (as crianças e adolescentes) como pessoas



em desenvolvimento e dentro do contexto atual e local. Para tanto é importante uma análise das particularidades do desenvolvimento vivenciadas pelas crianças e adolescentes que crescem em um contexto definido. Assim, entender este processo é entender os níveis (microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema), onde a grosso modo descreveremos para este ensaio apenas os níveis micro e mesossistemas:

Microsistema entendido como a análise da relação da criança e adolescente com a família, a suas relações em sala de aula entre colegas, com os professores, etc de forma atenta aos possíveis fenômenos emergentes do nascimento de normas de convivência desenvolvida ente os pares, entre elas os relacionamentos anti-sociais, coexistentes com uma esfera relacional mais abrangente que define o significado de disciplina, expectativa, regras e recompensas comportamentais. Mesossistema entendido como a análise dos elos e processos estabelecidos entre dois ou mais ambientes, nos quais os indivíduos (crianças e adolescentes) se desenvolvem, isto é, a interação entre diversos microsistemas tais como as relações familiares com a sociedade como um todo (igreja, religião, transporte, parques públicos, restaurantes, lanchonetes, shoppings, entre parentes, namorados e suas famílias, amigos e suas famílias entre outros (BRONFENBRENNER, 1996, p 18).

Podemos dizer que os Microsistemas e Mesossistemas propostos por Bronfenbrenner (1996) representam claramente os ambientes de relação proximais, face a face e com contato físico, e suas influências são mais evidentes, sendo absorvidas em primeiro plano e cruciais no processo de desenvolvimento onde o ser influencia, mas é mais influenciado.

E são exatamente estas diferentes configurações dos micro e mesossistemas que formam a rede de apoio afetivo/emocional social, importantes pelo efeito regulador no desenvolvimento da criança e adolescente.

Em muitos casos mesmo fazendo parte da comunidade, esta não influencia diretamente o indivíduo (por isso é errado classificar a periferia como ambiente maléfico, pois há grande maioria da sociedade que vive lá, é formada por trabalhadores, estudantes, homens e mulheres de bem), assim Bronfenbrenner (1996) classifica este ambiente como sendo um exossistema.

E aqui Bronfenbrenner (1996) alerta para a importância da harmonia entre o exossistema e o mesossistema, pois mesmo que não haja influência direta da comunidade local no desenvolvimento do ser, a harmonia de convivência desta mesma comunidade com os demais membros de convivência social do indivíduo são de suma importância para o seu desenvolvimento de forma harmoniosa e sem traumas.

E por último o macrosistema constituído por um contexto mais amplo, como os valores culturais. Neste contexto Comenius se apresenta de forma clara na ideia de transferência



cultural e aprendizagem por meio do exemplo.

Comenius (1631) na sua obra didática dizia:

Para orientar e guiar as crianças, são mais úteis os exemplos do que as regras: se algo é ensinado a uma criança, pouco fica gravado, mas se for mostrado o que os outros fazem, ela logo os imitará, sem precisar de ordens (COMENIUS, 2002, p.86).

Comenius (1631) traz claramente a ideia de educação e cultura gerada por meio dos exemplos, onde a interação desta criança com o meio que a cerca com base na assimilação dos exemplos diários, faz com que a mesma seja influenciada (tanto positiva como negativamente).

Assim sendo, vivenciamos diariamente um turbilhão de exemplos nas mais diversas formas e conteúdos. A tecnologia atual remete-nos a realidades virtuais cada dia mais presente em nossa sociedade. Atualmente a realidade ultrapassa as possibilidades de violência antes existentes apenas nos vídeo games, ou seja, no virtual.

Sabemos que nosso desenvolvimento cultural e tecnológico envolve condições materiais e humanas e isso é reflexo da interação do ser com o meio que o cerca. A indústria do entretenimento é responsável pelos games que trazem como atração a violência e barbárie, sem que seja preciso uma contextualização, e posicionamento do mesmo (game) no cotidiano virtual do ser.

O efeito subjetivo produzido por esta indústria constitui elemento de estímulos e interpretações extremistas, pois, se de um lado, a violência ultrapassa seus limites chegando à barbárie (mas sempre dentro do campo virtual simulado), por outro, mesmo que ainda não tenhamos estudos comprobatórios, pode-se se emergir como uma manifestação comportamental, onde se faz necessário uma materialização do que era meramente virtual.

Assim teremos uma mutação na relação do sujeito com o objeto, gerando um novo status epistemológico deste sujeito. Segundo a teoria da complexidade todo sistema vivo é auto-eco-organizado. Assim, o objeto neste caso, passa a ser substituído pela relação. A relação do ser com o objeto.

Não conseguimos mais separar agressividade de violência. Nossos jovens vivem uma sociedade desprovida de realidade, com seus pais trabalhando horas a fim de manter um padrão de vida que de um lado provê o materialismo, mas por outro desprovê a presença, peça essencial ao exemplo especificado por Comenius.

Sabe-se há muito que a instituição familiar permite ao ser a elaboração de valores e referências. Diversos estudos na área, entre eles os do Centro Brasileiro de Informações sobre



Drogas Psicotrópicas - CEBRID (2001) comprovam que a destituição familiar pode levar esse mesmo ser a uma recaída, ao estado de ignorância e agressividade humana.

Edgar Morin (2000) avalia que o mundo ainda não compreendeu a importância do erro (um desses sete saberes), e bem coloca que a educação mudou pouco nos últimos anos, pois permanece ainda muito negativa.

A negatividade a que se refere, leva-nos a pensar e repensar nossas ações, pois ainda segundo Morin (2000), se “Violência gera mais Violência”, não deveríamos tratar nossos jovens como temos visto a sociedade atual tratá-los. Não seria a solução a redução da pena para uma menor idade, pois, ainda segundo Morin (informação verbal<sup>2</sup>), “submeter um jovem infrator ao cárcere só fortalece seu lado agressivo”. No entanto, é importante lembrar que o jovem de hoje é bem diferente do jovem de 20 e 30 anos atrás.

Não podemos deixar de considerar que a chamada nova geração, nasce cada dia mais preparada para as tecnologias e despreparada para a vida.

O que segundo Eliane Brum (2014) é uma geração que espera que o trabalho seja continuação de suas casas, onde o chefe seria tão complacente como uma mãe ou um pai, e que a tudo são complacentes. Uma geração que acredita que tudo merecem, seja lá o que for que queiram. E quando não o tem, o que é óbvio, pois não se pode ter tudo, se sentem traídos, revoltam-se com a “injustiça social” que os cerca, emburrecem e desistem do diálogo partindo para agressões verbais e até mesmo físicas contra tudo e todos que os cercam.

Seria este então o grande ponto a ser discutido? Preparar nossos jovens para frustrações e conflitos inerentes a sua formação? Lembrar que o sofrimento, a negação, decepções e mesmo injustiças fazem parte do crescimento do ser, e que todos (um mais do que outros) sem exceção passamos por isso?

## **2 A NOVA ERA DA JOVEM SOCIEDADE**

Estaria então certa Eliane Brum? Ou o fato de termos uma sociedade (segundo IBGE 2014) com apenas com apenas 7,9% de sua população com nível superior pode ser um indicio de que temos um déficit cognitivo, que por sua vez influencia o comportamento de cada indivíduo?

---

<sup>2</sup> Entrevista TV Brasil, 24-06-2009 – por Lincoln Macário.

Ainda segundo o IBGE (2014) mais 50,2% de nossa sociedade não tem instrução, ou tem apenas o fundamental incompleto.

Está deficiência cognitiva, faz com que há grande maioria de nossa sociedade não tenha capacidade de discernimento apropriada para um julgamento neutro das ações da própria sociedade e/ou de seus governantes.

Assim, poderia inferir que nossos jovens são fruto de nossa atual sociedade, e como bem colocou Erik Erikson (1976), após diversas pesquisas: “a influência dos fatores culturais no desenvolvimento psicológico da sociedade é um ponto crucial no desenvolvimento desta mesma sociedade” (1979, p 45).

Podemos mesmo que superficialmente para este ensaio, sugerir que em sua teoria do desenvolvimento, Erik Erikson (1987) aponta 8 estágios importantes no desenvolvimento e que ocorrem dependentemente de acordo com a interação do indivíduo com o meio que o rodeia. Cada um destes estágios é atravessado, vivenciado ou superado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e negativa, devendo preferencialmente que se sobressaia a vertente positiva, pois é a forma como cada crise é vivenciada e superada ao longo da vida (e consequentemente dos demais estágios) é que irá influenciar a capacidade de resolver problemas e conflitos inerentes à vida.

Dos oito estágios (abaixo) citados por Erik Erikson (1987) em decorrência dos problemas cognitivos de nossa sociedade já apresentados (mesmo ciente de que os demais são de suma importância), vamos nos concentrar apenas em três: quarto quinto e sexto estágios. Afinal a barbárie social a que me refiro neste ensaio tem seu início por volta do quarto estágio, podendo parar no segundo, o que raramente ocorre.

O primeiro estágio – Confiança e Desconfiança (0 a 18 meses)

O segundo estágio – Autonomia/Dúvida ou Vergonha (18 meses a 3 anos)

O terceiro estágio – Iniciativa/Culpa (3 a 6 anos)

O quarto estágio – Produtividade/Inferioridade (6 a 12 anos)

O quinto estágio – Identidade/Confusão de Identidade (puberdade / adolescência – 12 a 24 anos)

O sexto estágio – Intimidade/isolamento (25 aos 40 anos)

O sétimo estágio – Generatividade/Estagnação (35 aos 60 anos)

O oitavo estágio – Integridade/Desespero (a partir dos 60 anos – maturidade).



Mesmo sendo jovem (quarto estágio) a criança necessita se sentir útil, pois passa a se perceber como uma pessoa capaz de produzir. Idade em que deveria estar na escola a fim de construir novos relacionamentos interpessoais.

O Bloqueio, ou melhor, a não permissão a este estágio, o que infelizmente ainda é realidade em nosso país, tem como consequência o sentimento de inferioridade e por sua vez, mais bloqueios cognitivos.

Não por acaso, é a idade em que o tráfico começa a recrutar nossos jovens infratores. Ao ser recrutada a criança neste estágio passa a ter o sentimento de produzir algo para uma “organização complexa”, aumentando sua autoestima e gerando vínculos ainda mais fortes com o ilegal.

Mesmo que consiga escapar do crime neste estágio, dificilmente o jovem escapa do quinto estágio (que inclusive é a principal base para o sexto estágio - vida adulta).

É no quinto estágio que o jovem esta formando sua identidade psicossocial, onde passa a entender seu papel no mundo e passa a ter consciência de sua singularidade, onde os laços familiares são fundamentais no papel decisório do futuro deste indivíduo em formação.

Dada à complexidade da teoria acima apresentada, volto a citar Morin (2009), não podendo deixar de pensar no seu estudo da teoria da complexidade.

Ainda segundo Morin (2009), a filosofia já colocava por meio de Hegel, que reduzir todas as demais características da personalidade de um criminoso ao crime é fácil. A complexidade reside em não reduzir, mas sim procurar entender tal característica desvirtuada ou má, frente as suas demais características.

### **3 O COMPLEXO E O FRAGMENTAR DA EDUCAÇÃO**

Desta forma, pensar complexo segundo Morin (1991) é entender epistemologicamente sua origem, ou seja, entender que a palavra latina *complexus*, significa TECIDO, e como uma trama possui diversas conexões e inter-relações.

Assim sendo, devemos nos pesquisar não em uma ciência, mas sim pensar e pesquisar de forma complexa nossa relação com o meio e do meio com nossa raça.

Aprendemos de forma fragmentada, e isso com o advento da tecnologia apresenta-se



como um ato falho. O fragmentar de nossa educação tem nos colocado de forma fragmentada também diante dos desafios científicos, filosóficos, culturais, políticos, e antropológicos do dia a dia de nossa sociedade.

Entendo que muitos podem questionar a necessidade de “especialização científica”, onde o aprofundar e refinar de ações são fundamentais para o sucesso. Sucesso este inclusive que nos trouxe ao século XXI com tantas descobertas e avanços (principalmente nas áreas da saúde e tecnologia).

Mas não podemos deixar de pensar complexo, ou seja, ao mesmo tempo em que buscamos profundidade devemos também ter em mente a necessidade da capilaridade na busca pelas informações e expansão da ciência.

Elaborar qualquer modelo de análise que nos permita refletir sobre qualquer tipo de controle sobre a violência hoje necessitaria no mínimo de amplo estudo filosófico, psicológico, histórico, social, antropológico e pedagógico, passando por Max, Weber, Freud, Durkeim, Marx, Morin, Eduardo Giannetti, Maria Candida Moraes, Juan Navas, entre outros. Ou seja, deveríamos pensar de forma mais hermenêutica, procurando interpretar o que todas estas áreas têm a nos dizer e tecer uma só base, onde o todo seria a parte e a parte o todo.

Da mesma forma que temos o conceito de autopoiesis, onde existe a influência entre sujeito e meio, meio e sujeito proposta por Maturana e Varela (2001), temos a equação de Kurt Lewin (1965) representada por  $C=f(P,M)$ , onde o comportamento (C) é função (f) ou resultado da interação entre a pessoa (P) e o meio ambiente que a rodeia (M).

Isso nos leva a ideia de coletivo de pensamentos – segundo Fleck (1986) um coletivo de pensamento sempre vai existir quando duas ou mais pessoas intercambiarem ideias. Neste caso, seria um tipo de coletivo de pensamento momentâneo, casual. Contudo (e de acordo com o que tento apresentar neste ensaio), se um grupo existe durante um tempo suficiente para construir um estilo de pensamento, este pensamento torna-se um pensamento coletivo.

E ao pertencer a uma comunidade, o estilo de pensamento reforça as estruturas sociais. Coage os indivíduos e determina “o que não se pode pensar de outra forma”. Assim, os hereges que não compartilharem dessa atitude coletiva serão tachados de criminosos, e levados à fogueira até que uma nova atitude dê origem a outro estilo de pensamento coletivo e a outros valores sociais (FLECK, 1986).

Com isso, simplesmente não podemos adotar a máxima da economia com a ideia de *Coeteris Paribus* (ou como também pode ser grafado *Ceteris Paribus*), onde simplesmente





isolamos uma variável para analisar as demais. É preciso colocar em contexto todas as variáveis possíveis para que possamos analisá-las, confrontá-las a fim de poder ter uma ideia sistêmica das possíveis soluções.

#### **4 O PODER DA AUTORIDADE**

Neste sentido, onde o estilo de pensamento reforça as estruturas sociais, coagindo os indivíduos e determinando o que pensar a simplicidade com que foi colocada a situação da sociedade brasileira por nosso ex Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no período de 2007 a 2010, em seus discursos políticos (abaixo descritos) país afora teve e tem impactos devastadores no Brasil. Parte do que vemos da violência urbana, especulo ser reflexo direto de afirmações inconsequentes como:

“Se um dia vocês chegarem a Presidência da República, vão perceber que este é o Ápice de um ser humano. Não tem nada, além disso,” em 11 de abril de 2007;

“São privilegiados aqueles que podem pagar Imposto de Renda, porque ganham um pouco mais”, em 26 de abril de 2004;

“É uma crise causada e fomentada por comportamentos irracionais de gente branca de olhos azuis que, antes da crise, parecia que sabiam tudo e agora demonstram que não sabiam nada”, em 26 de março de 2009;

“Não tem coisa mais fácil do que cuidar de pobre, no Brasil. Com R\$ 10, o pobre se contenta”, em 14 de julho de 2009;

“Se pobre fosse ação da Bolsa (de Valores), estaria em alta”, criticando outro candidato a presidência “Eles que representam os mais abastados, dizem que vão pegar o pobrezinho no colo” em 21 de outubro de 2010;

“Notícia é o que a gente quer esconder, o resto é propaganda” em abril de 2010;

“O povo pobre não precisa mais de formador de opinião. Nós somos a opinião pública” - Mais uma crítica à imprensa, em setembro de 2010.

As afirmações impensadas do ex-presidente sequer refletem a realidade, uma vez que segundo o IBGE (2015), o rendimento médio dos trabalhadores brasileiros é de R\$ 1.345,00 (mil, trezentos e quarenta e cinco reais), sendo que 32,7% da população ganha um salário mínimo e apenas 0,9% da população ganhava mais de 20 salários mínimos, contra 6,6% sem rendimento. Ou seja, 59,8% de nossa população não é a parte mais abastada nem menos



favorecida.

Não quero aqui fazer apologia contrária ao ex-presidente. Mesmo porque são diversas variáveis que podem ser utilizadas como fatores para justificar o aumento da violência, no entanto para este ensaio apenas faço um alerta e apresento o poder do discurso de uma autoridade no subconsciente da população.

Poder este que em pleno ano de 2014, após as eleições para presidente, dentro de um processo democrático, fez com que em manifestações por todo Brasil tivéssemos um grupo clamando pela volta dos Militares ao Poder, como possível solução a violência percebida.

Freud (1921), em seu estudo “psicologia das massas e estudo do eu” já colocava devemos tratar o indivíduo como membro de uma tribo, um povo, uma instituição, ou como elemento de um grupo de pessoas que, em certo momento e com uma finalidade determinada, se organiza em uma massa.

Mas devemos estar atentos aos estudos já realizados sobre o poder do discurso sobre as massas. Afinal é mais do conhecido o fato de que há ideias e sentimentos que só surgem ou se transformam em ações nos indivíduos ligados a uma massa (LE BOM, 1895).

Falo aqui de sugestionabilidade, onde, sob a influência de uma sugestão, o indivíduo se lançará com um impulso irresistível à execução de determinadas ações.

Neste aspecto é sempre importante lembrar os experimentos do Professor Stanley Milgram onde se procurou comprovar que as pessoas agem conforme as ordens que recebem.

Não podemos deixar que o conformismo domine nossa sociedade. Desde as afirmações do ex-presidente Lula, venho notando que a violência tem crescido alarmantemente em nosso país, e, estudos apresentados pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz (2012), apontam claramente este aumento.

O sociólogo utilizou um relatório publicado em 2011, pelo Secretariado da Declaração de Genebra, Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada, como forma de comparação para entendermos os números da violência no Brasil. O relatório mostra todos os 62 conflitos armados (entre esses: Afeganistão, Colômbia, Somália, Israel-Palestina, Iraque, Sudão, etc) que ocorreram no mundo, entre 2004 e 2007. O número de mortes total foi de 208.349. Nesse mesmo período, o número de homicídios no Brasil foi de 192.804. No Brasil alcançamos, praticamente, o mesmo número de assassinatos por arma que todos os conflitos armados juntos no mesmo período.

Para este ensaio, apresento os dados de 2006 a 2011 por serem os mais completos que



encontrei disponíveis e com grau aceitável de confiabilidade (uma vez que a base de dados escolhida foi com base nos estudos do sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz (2012)).

Os números são alarmantes, e apontam para um problema futuro de ordem NACIONAL, uma vez que desde cedo somos socializados a receber ordens e não a aprender a dialogar ou mesmo questionar em busca de novas opções.

Gráfico 1- Número de Homicídios no Brasil 2006-2011.



Fonte: Site: <http://www.mapadaviolencia.org.br>

Uma autoridade como o Presidente de um país possui um poder sem precedentes na mente subconsciente da sociedade, e com isso pessoas comuns que estão apenas fazendo seu trabalho e não apresentam qualquer tipo de hostilidade podem tornar-se agentes de um processo terrível e destrutivo (Stanley Milgram, 1983).

De 1997 a 2007, segundo estudos da ONG Mapas da Violência, o Brasil apresentou 512,2 mil homicídios, e de 2008 a 2011, um aumento de 41%, ou seja, em apenas quatro anos o Governo do então presidente Lula, apresentou quase metade de homicídios do que os últimos 10 anos antecedentes de seu segundo mandato.

Os últimos quatro anos de Governo foram exatamente os de maior inflamação em seus discursos públicos, bem como, o ano em que foram realizadas coalizões políticas com pessoas até então criticadas e desacreditadas pelo próprio partido dos trabalhadores e/ou sociedade, tais como os ex presidentes Jose Sarney e Fernando Collor de Mello.

Em seus discursos a crítica infundada (como já apresentado), a uma “elite” levou a população desfavorecida de nosso país a uma retaliação inconsciente a toda e qualquer classe que fosse financeiramente superior.

Vivemos um período de manipulação de massas como bem colocou Marilena Chauí



(2001, p.109) ao explicar de forma didática seu sentido: “Classe dominante sobre classe dominada por meio do conhecimento”

Penso que a maior retaliação que se pode cometer é a falta de respeito, pois esta nos leva a violência contida por anos, e que aos poucos se converte em ódio, passando de geração em geração, até que um dia se materialize como estamos presenciando nos números de homicídios em nosso País. No Brasil, a principal “ação errada”, que antecede a violência é o desrespeito. O desrespeito é consequente das injustiças e afrontamentos, sejam sociais, sejam econômicos, sejam de relacionamentos conjugais, etc. Dutra (2005, p,102)

Vivemos hoje no Brasil a recriação de um experimento a céu aberto, onde colocamos pessoas boas em más situações.

Philip Zimbardo (1971) em seu estudo “o efeito Lucifer” procurou apresentar a sociedade de psicólogos de sua época, que o poder das forças sociais e institucionais pode fazer com que homens bons possam ser capazes de atos de extrema crueldade.

Por isso devemos repensar nossas ações também regidas de forma fragmentada. Como já colocado: a violência gera violência.

A tecnologia existente, que por alguns anos gerou a “realidade virtual”, onde podíamos combater sem prejuízos físicos ou materiais, teve sua materialização no decorrer dos últimos anos em nossas escolas, bairros, cidades.

Não sabemos mais distinguir o certo do errado.

Por isso volto a enfatizar a necessidade da multidisciplinaridade educacional, cultural e social, de se reforçar a beleza do complexo, pois somente o complexo permite a contradição de pensamentos sem a necessidade de conflito.

Com o pensamento complexo posso criar sem grandes conflitos a contradição a que me referi anteriormente, pois se de um lado neste ensaio enfatizo o problema gerado pelas declarações do Ex Presidente Lula, por outro, agora enalteço sua escalada a presidência, pois no meu entender, não existe melhor exemplo de democracia do que um operário chegar à presidência de seu país.

Mas, devemos entender melhor este pensamento e buscar o pensar, a compreensão em Edgar Morin (2005), que entende que só o pensamento complexo sobre uma realidade também complexa pode fazer avançar a reforma do pensamento na direção da contextualização, da articulação e da interdisciplinaridade do conhecimento produzido pela humanidade.

Segundo ele:



[...] a reforma necessária do pensamento é aquela que gera um pensamento do contexto e do complexo. O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente os regula), que respeite a diversidade, ao mesmo tempo em que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes (MORIN, 2005, p. 23).

Fica claro que o processo educativo não é uma realização acabada definitiva como é idealizada pela sociedade. Sabemos que a manipulação por meio das ordens como nos estudos de Stanley e Zimbardo (1971) pode causar efeitos contrários ao esperado, e ao invés de formar, deformaria a mente de nossos alunos.

A tecnologia atual tem papel fundamental em todo o processo de alastramento e difusão da violência. Utiliza-se de forma irracional aquilo que deveria ser tratado como uma revolução para a difusão da cultura e conhecimento.

As redes sociais são hoje ambientes “protegidos” onde se abrigam as mais diversas perversidades humanas.

O mesmo objetivo que teve o projeto Genoma para melhora de nossa condição humana com o compartilhamento de informações por meio da rede (internet), onde se buscou o mapeamento de nosso DNA tem hoje os *Black Blocs* para recrutar seus integrantes a fim de quebrar as forças da ordem.

Utilizando as redes sociais e a tecnologia disponível, este grupo realiza ataques diretos às propriedades privadas, aproveitando-se de outras manifestações (em sua maioria justas), para como um vírus, se misturar a multidão, e depois destilar todo seu ódio e preconceito com a desculpa de chamar atenção das autoridades para sua oposição ao capitalismo e a governos que apoiam o sistema.

A cada dia, acredito mais que tudo aquilo que diz respeito às atividades humanas reflete de forma direta a maneira como o indivíduo aceita sua condição na sociedade.

Condição esta, que de tão descrente, em um país dividido, que parte de sua população, prefere a volta a um sistema ditatorial, a beleza da democracia.

Perdemos a noção do social, hoje, tanto a formação de valores como as realizações materiais e institucionais são claras expressões nossa incapacidade de sublimação.

É o momento de repensarmos nossa condição humana, de entendermos que a



multidisciplinaridade e o pensamento complexo devem estar inseridos em nossa formação, afinal como bem colocou a Professora Pós Doutora Maria Candida (2014):

Ao mesmo tempo em que a educação é influenciada pelo paradigma da ciência, aquela também o determina. O modelo da ciência que explica a nossa relação com a natureza e com a própria vida esclarece também a maneira como aprendemos e compreendemos o mundo, mostrando que o indivíduo ensina e constrói o conhecimento a partir de como ele compreende a realização desses processos. [...] pois toda formulação teórica traz consigo um paradigma do qual decorre todo um sistema de valores que influencia não somente o processo de construção do conhecimento, mas também a maneira de ser, de fazer e de viver/conviver (informação verbal<sup>3</sup>).

Após este pequeno ensaio, refletindo sobre todo o processo aqui colocado, acredito que uma ciência do passado produz uma escola morta, dissociada da realidade, do mundo e da vida. Ou como bem coloca Moraes (2012), uma educação sem vida produz seres incompetentes, incapazes de pensar, de construir e reconstruir conhecimento. Uma escola morta, voltada para uma educação do passado, produz indivíduos incapazes de se autoconhecerem como fonte criadora e gestora de sua própria vida, como indivíduos autores de sua própria história e responsáveis pela sua trajetória de vida.

Assim sendo, é hora de nos auto-eco-organizarmos em busca de uma sociedade mais justa, igualitária e acessível. Onde todos tenham o direito à educação e com este direito mantenhamos a liberdade conquistada, e agora ampliada pela tolerância, onde nos reconhecemos no outro.

“E neste novo mundo devemos nos permitir a explorar a possibilidade de outros modos de conhecer e reconhecer a existência de outros tipos de conhecimento”;

“Afinal vivemos um momento de mutação na relação sujeito objeto. Um momento de um novo status epistemológico do sujeito” (Informação verbal<sup>2</sup>).

## CONCLUSÃO

Como já colocado, vivemos em ambientes autopoieticos, onde influenciados e somos influenciados, e por serem os ambientes autopoieticos, busca-se certo equilíbrio em nosso viver e conviver.

---

<sup>3</sup> Aula de Doutorado ministrada pela Professora Pós Doutora Marina Candida Moraes na Universidade Católica de Brasília (UCB) em maio de 2015.



E assim, como tais sistemas nos eco organizando, poderemos um dia repensar socialmente, de forma a reconhecer no outro nosso eu consciente sem sermos influenciados pelo discurso.

Afinal já é mais do que sabido que o homem ao modificar o ambiente por meio de seu comportamento presente terá no futuro, a, influencia deste ambiente modificado em seu comportamento.

Ou como se diz no dito popular: “quem planta vento colhe tempestade”.

Afinal, sabemos que a violência deve sempre ser pensada de forma complexa, envolvendo mais de uma dimensão, entra as quais destaco as dimensões culturais, familiares e educacionais aqui tratadas. A falta de uma destas dimensões poder fazer com que o ser em falta, substitua o real pelo imaginário, ou ainda, aceite como verdade os discursos de autoridades e/ou meios de comunicação de massa.

Por essa afirmação, pode-se compreender a polemica, provavelmente causada com a hipótese dos discursos presidenciais terem influenciado o aumento da violência e o abandono das escolas por parte dos jovens aqui retratados. Tal polemica se analisada dentro da perspectiva psicanalítica pode ser minimizada uma vez que para tal perspectiva não existe uma verdadeira educação que “protegeria” o ser humano de influencias externas. Afinal, os processos de ensino e aprendizagem que compõe o processo educativo não são uma obra acabada, previsível e linear, pois como já colocado, se o fosse, na mesma proporção que forma poderia deformar.

Assim sendo, conluo que somente por meio de uma educação complexa e transdisciplinar a polemica não seria vista como conflito, uma vez que para o complexo a subjetividade é uma realidade a ser respeitada.

## REFERÊNCIAS

BRONFRENBERNER, Urie. **Toward an experimental ecology of human development.** *American Psychologist*, Washington, DC: American Psychological Association, n.32, p. 513-531, 1977.

BRONFENBERNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996.

BRUNN, Eliane. **A crença de que a felicidade é um direito tem tornado despreparada a geração mais preparada.** Revista Época. Publicada em 11/07/2011 – artigo *on line* disponível



em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGRAS PSICOTRÓPICAS DO BRASIL – **I levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil, estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país. São Paulo 2001**. Disponível em:<<http://www.cebrid.com.br/i-levantamento-domiciliar-2001>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

COMENIUS Jan Amos Komenský. **Didática Magna**. 3. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997/2002/2006.

DUTRA, Valvim M. **Renasce Brasil, o que preconceito e a origem dos preconceitos**. Vitória: Edição Independente, 2005.

ERIKSON, E. Homburger. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

ERIKSON, E. Homburger. **Infância e Sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

ERIKSON, E. Homburger.; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FLECK, Ludwik. **La génesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoria Del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamento**. Alemanha: Alianza Editorial, 1986.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **PNAD 2014**. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=291983>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

LE BON, Gustave. **A Psicologia das Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Editora Cortez 1991.





MORIN, Edgar: entrevista [junho. 2009]. Entrevistador: Lincoln Macário da TV BRASIL – Disponível em:< <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/23368-%60%60a-violencia-deve-ser-tratada-em-sua-complexidade%60%60-entrevista-com-edgar-morin> >. Acesso em: 14 nov. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo- Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: SP: Ed. Palas Athena, 2004

MORAES, Maria Candida. **O paradigma educacional emergente**. 16. ed. Campinas/SP: Editora PAPIROS, 2012.

LEWIN, Kurt. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1965.

MILGRAM, Stanley. **Obediência a Autoridades**. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1983.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em maio 2004 discurso a metalúrgicos do ABC que cobravam mudança na tabela do Imposto de Renda**]. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/politica/relembre-as-50-frases-mais-polemicas-de-lula-durante-os-oito-anos-de-mandato-2903171>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em abril 2007 – durante a campanha da Presidente Dilma**]. Disponível em:< <http://oglobo.globo.com/politica/relembre-as-50-frases-mais-polemicas-de-lula-durante-os-oito-anos-de-mandato-2903171>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em março 2009, ao premier britânico, Gordon Brown**] Disponível em:<http://oglobo.globo.com/politica/relembre-as-50-frases-mais-polemicas-de-lula-durante-os-oito-anos-de-mandato-2903171>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em julho de 2009 durante a inauguração de obras de urbanização da orla das praias de ponta verde - Maceió**]. Disponível em:<<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/lula-frases/lula-frases-04.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em abril de 2010**]. Disponível em:<<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/lula-frases/lula-frases-04.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em setembro de 2010 – mais uma crítica a**



**imprensa]**. Disponível em:<<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/lula-frases/lula-frases-04.htm>> . Acesso em: 11 jul. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da Silva: depoimento [**em outubro de 2010 – durante evento de campanha da Presidente Dilma em Caxias do Sul - RS**]. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/politica/relembre-as-50-frases-mais-polemicas-de-lula-durante-os-oito-anos-de-mandato-2903171>> .Acesso em: 11 jul. 2015.

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer**: Como pessoas boas tornam-se más. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.